

## **A INCLUSÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Elisabeth Maria de Fátima BORGES<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da Educação básica brasileira, como um momento histórico impar, de crucial importância e com fortes repercussões pedagógicas na formação de professores. Trata-se de um momento em que a educação brasileira busca valorizar a devida a história e a cultura de seu povo afro-descendente, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

**PALAVRAS –CHAVES:** cultura afro-brasileira e africana, educação básica, identidade.

A cultura e o padrão estético negro e africano e um padrão estético e cultural branco europeu convivem, no Brasil de maneira tensa. Embora a população brasileira seja composta de 45% de população negra, segundo o IBGE, convivemos com ideologias, desigualdades e estereótipos racistas. Predomina aqui um imaginário étnico-racial que privilegia a branquidão e valoriza principalmente as raízes européias da nossa cultura, ignorando ou pouco valorizando as outras que são a africana, a indígena e a asiática.

Neste artigo discutiremos a importância da inclusão da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da Educação básica brasileira, como um momento histórico impar, de crucial importância e com fortes repercussões pedagógicas na formação de professores.

Trata-se de um momento em que a educação brasileira busca valorizar a devida a história e a cultura de seu povo afro-descendente, buscando assim reparar danos, que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos. Esta inclusão nos currículos da educação básica amplia o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Mostraremos que este momento é de relevância não apenas

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela UFG. Professora de Estágio, Didática e Prática de Ensino II e Movimentos Sociais no Campo na UEG – UnU Cora Coralina (e-mail: bethbraga1@hotmail.com).

para a população negra, mas também a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

O presente texto foi dividido em três partes: na primeira é tratada a obrigatoriedade da inclusão de História e Cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica como um momento histórico; na segunda parte são apresentados alguns aspectos teóricos que discutem esta inclusão; e finalmente, na [terceira parte](#) serão apresentados alguns livros literários que podem ser utilizados na aplicação da temática nas aulas de História.

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica é um momento histórico que objetiva não apenas mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz européia para um africano, mas sim ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

Nessa perspectiva cabem as escolas incluir, no contexto dos estudos, atividades que abordem diariamente as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, e dos descendentes de asiáticos, além das raízes africanas e européias.

O artigo 26 acrescido na Lei nº 9,394/1996 provoca bem mais do que a inclusão de novos conteúdos, exige que se repensem relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para a aprendizagem, objetivos táticos, explícitos da educação oferecida pelas escolas.

O § 2º da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, do CNE (Conselho Nacional de Educação) versa que o ensino de história e Cultura Afro-brasileira e Africana objetiva o reconhecimento e a valorização da identidade, da história e da cultura dos afro-brasileiros, além de garantir o reconhecimento e a igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias e asiáticas.

A autonomia dos estabelecimentos de ensino para compor os projetos pedagógicos, no cumprimento do exigido no artigo de Lei citado permite que se valham da colaboração das comunidades a que a escola serve, do apoio direto e indireto das universidades, do Movimento Negro, de grupos de capoeira ou congada, entre outros, portanto propicia um momento de interação escola/comunidade.

Vários autores têm se voltado para a análise da inclusão da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos. Bernard (2004) fala da necessidade de diretrizes que orientem a

formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos afro-brasileiros e dos africanos, assim como comprometidos com a educação de relações étnico-raciais positivas, a que tais conteúdos devem produzir.

No contexto das reflexões curriculares, ressalta-se a contribuição de Silva (1999a), Silva (1999b) e Moreira e Silva (2000) no sentido da análise do currículo escolar como instrumento de manutenção das desigualdades sociais.

Passos (2002,) afirma que a definição comum sobre racismo – entre a maioria dos autores, correntes e escolas de pensamento na atualidade – está sustentada no seu caráter ideológico, ou seja, é a imputação das características negativas reais ou supostas a um determinado grupo social. As Diretrizes Curriculares defendem o pressuposto de que é papel da escola desconstruir a representação de que o afrodescendente tem como único atributo a descendência escrava, subalterna ou dominada.

Candau (2003) demarca com precisão os desafios postos na reflexão e construção de ações que transformem a discriminação: mostra que estes processos estão profundamente internalizados na sociedade brasileira, e que se expressam através da pluralidade de linguagens, no plano simbólico, e das práticas sociais, e encontram-se carregados muitas vezes de ambigüidades e sutilezas, revestindo-se de grande complexidade. Para a autora compreender como se dão estes processos é condição imprescindível para desvelá-los, na perspectiva da construção de uma cultura dos direitos humanos.

Munanga e Gomes (2004) apontam elementos para uma melhor compreensão das transformações atuais da escola brasileira no que tange a inclusão.

O § 3º da Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, do CNE, versa que o ensino sistemático da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica refere-se aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Portanto um excelente ponto de apoio para os professores de História são os livros literários, que abordam de maneira criativa a temática, e que abrem um leque de possibilidades de trabalhos diversos de criativos.

O historiador Joel Rufino dos Santos em sua obra literária “Gosto de África: histórias de lá e de cá” nos oferece mitos, lendas e tradições africanas. É uma obra interessante que oferece ao professor a oportunidade de trabalhar a cultura e a identidade africana de uma maneira lúdica e prazerosa.

Rogério Andrade Barbosa (2005) em sua obra literária “Histórias africanas para contar e recontar” trás sete contos etiológicos africanos. No desejo de explicar os fenômenos da natureza e os acontecimentos cotidianos, bem como o comportamento dos habitantes da floresta, os povos africanos inventaram estas histórias, cheias de lirismo, humor e sabedoria. Rogério Andrade Barbosa recolheu estes contos, transmitidos de geração a geração, em uma viagem que fez a África, formando este livro que se torna um excelente aliado ao professor de história. Trazer este universo lúdico e mágico da literatura oral dos povos africanos para as salas de aula é um trabalho que também atende à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais: debater temas emergentes de nossa sociedade nas escolas brasileiras.

Raul Lody organiza a coleção Olhar a África e ver o Brasil nos traz fotografias de Pierre Verger. A Coleção traz em cada livro uma temática, na obra “Influências” as fotos de Verger revelam a beleza e da cultura africana e a força de sua influência na música, na dança, na culinária, no vestuário, nas artes e em muitos outros costumes do cotidiano brasileiro. Já a obra “Crianças” as fotografias de Pierre Verger revelam a beleza da cultura africana e a força de sua influência também no cotidiano brasileiro, destaca temáticas como a alegria, as brincadeiras, instrumentos musicais como os tambores, a kalimba, flauta, as danças e a culinária.

Todos estes livros são instrumentos de apoio ao professor de história para trabalhar esta temática.

Em síntese as escolas estão sendo atribuída a responsabilidade de acabar com o modo falso e reduzido de tratar a contribuição dos africanos escravizados e de seus descendentes para a construção da nação brasileira. De fiscalizar, que em seu interior, alunos negros deixem de sofrer os continuados atos de racismo de que são vítimas.

Sem dúvida assumir essas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde se encontra e a que serve, implica ainda compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos – capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais de que participam e ajudam a manter e/ou a reelaborar.

Este trabalho das escolas deve partir três princípios básicos: o princípio da consciência política e histórica da diversidade; o princípio do fortalecimento de identidades e de direitos; e o princípio das ações educativas de combate ao racismo e a discriminações.

Ao princípio da consciência política e histórica da diversidade que conduz à compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos que étnico-raciais distintos, que possuem cultura e histórias próprias igualmente valiosas, e que, em conjunto constroem, na nação brasileira, a sua história.

O princípio do fortalecimento de identidades e de direitos deve orientar para desencadeamento da do processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida, e o combate à privação e à violação de direitos.

E finalmente, o princípio de ações educativas de combate ao racismo e a discriminações, este princípio encaminha para a criação de condições para professores e alunos pensarem, decidirem, agirem, assumindo responsabilidade por relações étnico-raciais positivas, enfrentando e superando discordâncias, conflitos, contestações, valorizando os contrastes das diferenças. Nesse sentido é importante a participação do Movimento Negro e de grupos culturais negros, bem como da comunidade em que se insere a escola, sob a coordenação dos professores, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial.

No ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a educação das relações étnico-raciais, geralmente são desenvolvidas no cotidiano das escolas como conteúdo de disciplinas, particularmente Educação Artística, Literatura e História do Brasil, em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências, e de Informática, na utilização de sala de leituras, bibliotecas, brinquedotecas, áreas de recreação, e em outros ambientes escolares.

Este ensino vem acontecendo por diferentes meios, inclusive pela realização de projetos de diferentes naturezas, projetos interdisciplinares com vistas à divulgação e ao estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da História do Brasil. São projetos que culminam em feiras culturais, visitas a núcleos arqueológicos, museus e até a grupos remanescentes de quilombos.

Estes princípios e seus desdobramentos mostram exigências de mudança de mentalidade, de maneiras de pensar e agir dos indivíduos em particular, assim como das instituições e de suas tradições culturais.

Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe situações de aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimento, quebra de desconfianças: um projeto conjunto para a construção de uma sociedade justa, igual equânime.

Combater o racismo não é uma tarefa exclusiva da escola, as formas de discriminação de qualquer natureza não nascem ali, porém o racismo e as discriminações correntes na sociedade por ali perpassam.

Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimento e de posturas que visam uma sociedade justa.

Diálogos com estudiosos que analisam, criticam essas realidades e fazem propostas, bem como com grupos de movimentos negros presentes em várias regiões e estados é imprescindível para que se vençam as discrepâncias entre o que se sabe e a realidade, se compreendam as concepções e ações uns dos outros e se elabore um projeto comum de combate ao racismo e as discriminações.

Temos, pois pedagogias de combate ao racismo por se criar. As universidades, através de seus cursos de licenciaturas precisam assumir o seu papel, neste momento histórico, ajudando na formação dos novos professores para que atuem com competência nesta nova temática da educação. É claro que já há experiências de professores e de algumas escolas e universidades, ainda isoladas, que muito ajudam neste processo.

Como já vimos a inclusão do tema história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da Educação básica brasileira é um momento histórico impar, de crucial importância, porém ela traz uma necessidade de professores qualificados para este trabalho, pessoas sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes e palavras preconceituosas. Daí a necessidade de se investir nos professores, para além da sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas a diversidade étnico-racial,

mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo, criar estratégias pedagógicas que possam auxiliá-las e reeducá-las.

### ABSTRACT

The inclusion of history and the afro-Brazilian and African culture in the resumes of the Brazilian basic Education as an old historical moment of crucial importance and with strong pedagogical repercussions in the formation of teachers. One is about a moment where the Brazilian education search to value duly the history and the culture of this people afro-descendant, being thus searched to repair damages, that if repeat have five centuries, to its identity and its rights. This inclusion in the resumes of the basic education extends the focus of the pertaining to school resumes for the cultural, racial, social diversity and Brazilian economic.

**Keywords:** Afro-Brazilian culture. African. Basic education. Identity.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. São Paulo: Anna Blume, 2004.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Histórias Africanas para contar e recontar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.
- BERNARD, François. Por uma redefinição do conceito de diversidade cultural. In.: BRANT, Leonardo. *Diversidade Cultural*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.
- CANAU, Vera Maria (Org.). *Somos tod@as iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIROUX, Henry e MCLAREN, Peter. Formação do professor como uma esfera Contrapública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In.: MOREIRA, Antônio Flávio e TOMAZ, Tadeu da Silva. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo, Cortez, 2000.125-154.
- GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. (Orgs.). *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.
- \_\_\_\_\_. SOVIK, Liv (org.) *Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003b.
- LODY, Raul (Org.). *Crianças*. Coleção Olhar a África e ver o Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Influências*. Coleção Olhar a África e ver o Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- MOREIRA, Antônio Flávio B., e SILVA Tomaz Tadeu. *Currículo, cultura e sociedade*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Ação educativa, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. *Arte afro-brasileira: o que é, afinal?* AGUILAR, Nelson (org.) Catálogo de arte afro-brasileira: mostra do redescobrimento. São Paulo, Fundação Bienal, 2000 (p.98-111).
- MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: outubro de 2005.
- PASSOS, Joana Célia dos. Discutindo as relações raciais na estrutura escolar e construindo uma pedagogia multirracial e popular. In. NOGUEIRA, João Carlos (Org.). *Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular*. Florianópolis: Editora Atilênde, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África – história de lá e de cá*. São Paulo: Global, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.
- \_\_\_\_\_. *O currículo como fetiche: a poética e a política do textocurricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

